Humanities

Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa

Linguagem, Sentido e Ação. Estudos contemporâneos de filosofia

Anthology

GRIN

YOUR KNOWLEDGE HAS VALUE

- We will publish your bachelor's and master's thesis, essays and papers

- Your own eBook and book - sold worldwide in all relevant shops

- Earn money with each sale

Upload your text at www.GRIN.com and publish for free

GRIN

Bibliographic information published by the German National Library:

The German National Library lists this publication in the National Bibliography; detailed bibliographic data are available on the Internet at http://dnb.dnb.de .

This book is copyright material and must not be copied, reproduced, transferred, distributed, leased, licensed or publicly performed or used in any way except as specifically permitted in writing by the publishers, as allowed under the terms and conditions under which it was purchased or as strictly permitted by applicable copyright law. Any unauthorized distribution or use of this text may be a direct infringement of the author s and publisher s rights and those responsible may be liable in law accordingly.

Imprint:

Copyright © 2022 GRIN Verlag
ISBN: 9783346725820

This book at GRIN:

https://www.grin.com/document/1262771

Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa

Linguagem, Sentido e Ação. Estudos contemporâneos de filosofia

GRIN Verlag

GRIN - Your knowledge has value

Since its foundation in 1998, GRIN has specialized in publishing academic texts by students, college teachers and other academics as e-book and printed book. The website www.grin.com is an ideal platform for presenting term papers, final papers, scientific essays, dissertations and specialist books.

Visit us on the internet:

http://www.grin.com/

http://www.facebook.com/grincom

http://www.twitter.com/grin_com

Linguagem, sentido e ação:
Estudos contemporâneos de filosofia

Org. Danilo Vaz-Curado R. M. Costa;
Gerson Francisco de Arruda Junior,
José Marcos Gomes de Luna e
Eleonoura Enoque da SIlva

2022

Apresentação

O conjunto de textos que ora se apresenta ao público é o resultado das pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco, Brasil, no ano de 2021, em especial no contexto de seu cluster de pesquisadores em torno do eixo ***linguagem, sentido e ação.***

Os pesquisadores do núcleo ou linha de pesquisa ***Linguagem, sentido e ação*** se propõe ao estudo e investigação de conceitos e temas fundamentais do fenômeno humano da linguagem e dos seus desdobramentos no agir e fazer humanos, tal como esses são apresentados e discutidos sobretudo, mas não exclusivamente, a partir da tradição filosófica resultante da virada linguístico-pragmática. Pretende, pois, investigar as diversas correntes filosóficas que tratam do sentido e da significação linguística em sua interface com a existência e ações humanas, tratando de problemas relacionados tanto ao âmbito sintático-semântico quanto ao âmbito pragmático da filosofia da linguagem.

Este volume é o resultado de uma primeira rodada de resultados das pesquisas desenvolvidas e agora tornadas públicas. O volume se divide em três grandes blocos ou vasos comunicantes intitulados, ***linguagem, sentido*** e ***ação.***

Os textos do bloco ***linguagem,*** respectivamente: *Linguagem intencional e sua relação com a ação humana*, de autoria de Ítalo Rafael França Rio Tinto; *"Lebensform" (forma de vida): pressuposto essencial para compreender o "Meinen" (ter em mente) como negação do ato mental nas investigações filosóficas* de autoria de José Maria da Silva Filho e Eleonoura Enoque da Silva e *Linguagem: questões filosóficas e relações com a linguística contemporânea* de John Hélio Porangaba de Oliveira, tratam de questões da linguagem em suas relações internas e externas, a partir de temas filosóficos clássicos e em diálogo interdisciplinar com diversos campos do saber correlatos.

Os textos do bloco ***Sentido,*** respectivamente: *Da importância do pensamento ético de Hans Jonas* de autoria de Ivan Wilson Porto; *A dissolução de narciso na tradição filosófica ocidental da linguagem* de autoria da Ialley Lopes da Silva; *A teoria da Justiça*

de John Rawls e sua concepção de pessoa de autoria da Bianca Metódio Beserra e o texto *Linguagem e sentido no conceito de Família na Filosofia do Direito de Hegel* de autoria de Danilo Vaz-Curado R. M. Costa e de Agemir Bavaresco, tematizam e explicitam como a linguagem em diálogo com a realidade é construtora de símbolos, significações e vínculos intersubjetivos capazes de nos fazer interrogarmos sobre a realidade que nos circunda.

Os textos do bloco ***Ação,*** respectivamente: *As incertezas da pandemia e a crise humana* de autoria de Moiseth Neves Nascimento; *A tecnologia não substitui o pensar: provocações acerca da validade da filosofia em sociedades hipertecnológicas*, de autoria de Gerson Francisco de Arruda Júnior e Bruno Simões Costa Guimarães; *A banalização do mal na definição arendtiana frente ao contexto ético contemporâneo* de autoria de Joaquim Rafael Lima do Couto Soares e o texto Racionalidade e comunicação: um olhar Habermasiano sobre a ação comunicativa de autoria de Adelvando Pereira de Souza e José Marcos Gomes de Luna, tematizam a intersecção entre linguagem, sentido e ação fazendo explicito os vínculos entre as diversas facetas do agir, da linguagem e da produção de sentido delas inter-decorrentes.

Espera-se com a presente publicação que os leitores, especializados ou não, possuam chaves para a interpretação desta tri-unidade *linguagem, sentido e ação*, tão importante na atualidade e tão rica de possibilidade investigativas tanto na filosofia, como no conjunto das ciências humanas.

Os Organizadores.

Sumário

Linguagem

- **Linguagem intencional e sua relação com a ação humana** - *Ítalo Rafael França Rio Tinto*, p. 06-27

- **"Lebensform" (forma de vida): pressuposto essencial para compreender o "Meinen" (ter em mente) como negação do ato mental nas investigações filosóficas** - *José Maria da Silva Filho e* Eleonoura Enoque da Silva, p. 28-41

- **Linguagem: questões filosóficas e relações com a linguística contemporânea** - *John Hélio Porangaba de Oliveira*, p. 42-57

Sentido

- **Da importância do pensamento ético de Hans Jonas** - Ivan Wilson Porto, p. 58-68

- **A dissolução de narciso na tradição filosófica ocidental da linguagem** - Ialley Lopes da Silva *e* Eleonoura Enoque da Silva, p. 69-87

- A teoria da Justiça de John Rawls e sua concepção de pessoa - *Bianca Metódio Beserra,* p. 88-111

- **Linguagem e sentido do conceito de Família na Filosofia do Direito de Hegel** – *Danilo Vaz-Curado R. M. Costa e Agemir Bavaresco,* p. 112-135

Ação

- **As incertezas da pandemia e a crise humana** - *Moiseth Neves Nascimento,* p. 136-149

- **A tecnologia não substitui o pensar: provocações acerca da validade da filosofia em sociedades hipertecnológicas**. Bruno Simões Costa Guimarães e *Gerson Francisco de Arruda Júnior,* p. 150-170

- **A banalização do mal na definição arendtiana frente ao contexto ético contemporâneo** - *Joaquim Rafael Lima do Couto Soares,* p. 171-193

- **Racionalidade e comunicação: um olhar Habermasiano sobre a ação comunicativa** - *Adelvando Pereira de Souza e José Marcos Gomes de Luna,* p. 194-205

LINGUAGEM

LINGUAGEM INTENCIONAL E SUA RELAÇÃO COM A AÇÃO HUMANA

Ítalo Rafael França Rio Tinto*

INTRODUÇÃO

O presente texto propõe-se a fazer uma investigação acerca da Linguagem, Intencionalidade e Ação humana numa perspectiva filosófica. O intuito dessa investigação é argumentar em favor de uma possível relação vinculativa entre a Linguagem Intencional e a Ação humana. Dentro desse tema estão contidas três importantes áreas do saber filosófico: a Filosofia da Linguagem, a Filosofia da Mente e a Filosofia da Ação. Apesar da complexidade, essas áreas são marcadas pelo excelente trabalho lógico e conceitual que são desenvolvidos. Alguns filósofos importantes trabalharam debruçados sobre os temas propostos neste trabalho, dentre esses, alguns nomes serviram de base para o desenvolvimento da investigação, como é caso de Frege, Wittgenstein, Searle e Miller. É evidente que outros filósofos, naturalmente, também aparecem na pesquisa devido a própria influência que esses desempenham na formação filosófica.

Para alcançar o que é proposto, este trabalho divide-se em três partes concatenadas, mas divididas em capítulos. O primeiro capítulo busca expor a visão filosófica de Intencionalidade a partir da Filosofia da Mente, tentando explicar os dados constitutivos desse conceito. O segundo capítulo traz os elementos principais da Filosofia da Linguagem e da Ação, justamente, para analisar e evidenciar os conceitos filosóficos de Linguagem e Ação, bem como suas atuações no mundo. Para tanto, o segundo capítulo se divide em duas seções, cada uma delas dedicada aos respectivos temas. Vale ressaltar que esses três temas trazidos nos dois primeiros capítulos não têm como compromisso uma exposição profunda como seria o caso de um tratado sobre o

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco, FACEPE; Pós-Graduado em Filosofia e Autoconhecimento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: XXX

assunto; mas tão somente fazer com que o leitor entenda do que se trata e quais são as indagações que cada um deles carrega. E, por fim, o último capítulo visa defender e argumentar a existência de um vínculo entre a Linguagem Intencional e a Ação humana.

INTENCIONALIDADE

O intuito deste capítulo é discorrer acerca do que se entende por *Intencionalidade* a partir de fundamentos filosóficos. Alguns filósofos ilustres já trataram sobre a *Intencionalidade* em seus escritos, dentre eles destacam-se Brentano (1838-1917), Husserl (1859-1938), Searle (1932-) e Dennett (1942-). Searle, de forma mais direta, influenciou a perspectiva desta pesquisa, por isso, muito do que será tratado ao longo das linhas que se seguem remete a sua concepção filosófica sobre o tema, mais do que a de outros pensadores. Porém, ainda que essa influência exista, o leitor atento logo observará que em alguns momentos o distanciamento da visão de Searle faz-se necessário para sustentar algumas considerações relevantes trazidas aqui.

A *Intencionalidade* é, não exclusivo, mas fundamentalmente, objeto de investigação da Filosofia da Mente, e é a partir dela que iremos começar o exame até chegar a relação intencional da Linguagem. Essa observação é feita porque, de modo muito particular, este texto se debruça sobre a Filosofia da Linguagem e da Ação, sendo estes os seus alicerces mais firmes. Contudo, já afirmara Searle na introdução do seu livro *A Redescoberta da Mente* que a "filosofia da linguagem é um ramo da filosofia da mente" (SEARLE, 2006), se essa afirmação for verdadeira, então este trabalho está sendo todo realizado numa mesma seara; contudo, se não for o acaso, este capítulo serve como "Pórtico dos deuses Harmoniosos", dando-nos acesso, conhecimento e permissão para trabalharmos ramo tão importante como é a Filosofia da Mente.

O termo *Intencionalidade* ganha real expressão no emprego filosófico no período Escolástico, onde era usado para determinar a propriedade que o pensamento tem de conceber algo diferente do que é em si mesmo. Isso significa dizer que a *Intencionalidade* para os escolásticos era a capacidade representativa das coisas, ou ainda, a habilidade que o pensamento tem de dar propriedades aos objetos. Ao longo da história da Filosofia esse tema foi tratado algumas vezes e, dentro dessas vezes, foram discutidos diversos conceitos que visavam caracterizá-lo mais especificamente.

No entanto, o que parece ser um consenso acerca disso entre a maioria dos filósofos é que a *Intencionalidade* é propriamente ligada ao que é mental. Nesse sentido, um estudo panorâmico da *Intencionalidade* na Filosofia mostrará que ela é algo ligado aos estados mentais do ser humano, assim como são as crenças, desejos e percepções.

Apoiado pelo dicionário de Filosofia de Abbagnano (2012) a *Intencionalidade* é facilmente definida como um estado da consciência que dirige um propósito para algo, tratando-se de uma relação entre o sujeito que deseja algo e o objeto desejado. Isso porque a *Intencionalidade* é um propósito interno direcionado para a execução de algo. Nesse sentido, a intenção é associada ao desejo, tendo em vista que – considerando um indivíduo com as suas capacidades mentais 'normais' – antes de realizar algo, primeiro se considera a ideia de realização daquele algo; *i.e.*, se tem o desejo de fazê-lo. Por exemplo, "Danilo quer ir as Ilhas Maldivas": Danilo deseja ir, ele tem a intenção de ir, mas, parafraseando um ditado popular, querer não é propriamente fazer. Assim sendo, *Intencionalidade* é uma capacidade da consciência que dirige para se realizar alguma coisa, mas não a efetivação da coisa propriamente dita. Assim sendo, observa-se que a *Intencionalidade* é uma atividade interna no indivíduo, enquanto a concretude da realização é uma atividade externa no mundo.

Kant (1724-1804), apesar de não ter um tratado sobre a *Intencionalidade*, faz algumas ponderações interessantes sobre isso na *Crítica da Razão Pura* (1781). Para ele, a liberdade é a capacidade que o homem tem de escolher, e a escolha está ligada a vontade. Por sua vez, a vontade é uma expressão da *Intencionalidade*, porque a vontade é, justamente, um impulso da Razão direcionado para a realização de alguma coisa. A liberdade está ligada a *Intencionalidade*, para Kant, porque ela permite a escolha da realização daquilo que se desejou querer; *i.e.*¸ enquanto a *Intencionalidade* é a faculdade de querer algo, a liberdade é a faculdade que permite escolher aquilo que se quer a partir daquele algo desejado. Por exemplo, um sujeito tem a intenção de cometer um crime, contudo, por uma deliberação da razão escolhe não fazê-lo. Sem análise de qualquer imperativo moral, contêm, nesse exemplo, intenção e liberdade nas definições dadas por Kant. Dessa maneira, a liberdade é a ligação entre o pensamento e a realização, entre mente e mundo... é o que permite que o desejo que é interno se transforme – ou não – em ato que é externo.

Searle vai defender em sua obra intitulada, justamente, de *Intencionalidade* (1995), que essa condição – a Intencionalidade – na verdade é uma faculdade biológica do espírito, possibilitando que ele se coloque em relação ao mundo. Isso é bastante interessante, porque ele passa a considerar a *Intencionalidade* como uma capacidade do cérebro, portanto, biológica. Mais ainda, trata-se de uma condição que liga a interioridade do pensamento subjetivo com a exterioridade do mundo objetivo de uma maneira não-metafísica tradicional – se considerarmos aqui metafísica tradicional como modo de investigação das abstrações. Compreende-se que a *Intencionalidade* não é simplesmente fruto de uma dimensão abstrata como, não poucas vezes, é considerado o pensamento; agora ela pertence a um influxo cerebral, biológico. Talvez a *Intencionalidade* seja, para Searle, a "glândula pineal" cartesiana, servindo de ligação entre mente e corpo, pensamento e mundo, desejo e realização.

Essa consideração é importante para esta investigação porque Searle defende que a relação entre espírito e mundo proporcionada pela *Intencionalidade* se dá a partir dos estados mentais e dos atos da linguagem. Assim sendo, a linguagem é fundamentada na *Intencionalidade* própria da mente humana, não podendo nenhuma teoria da linguagem se sustentar se não for compreendida a partir desse seu sentido. Ressalta-se que aqui o mais relevante na consideração de Searle não é o fato de a *Intencionalidade* ser uma condição biológica, mas a condição *sine qua non* de que não há teoria da linguagem sem fundamentos na *Intencionalidade*. Essa "necessariedade" é que nos interessa. O porquê da intenção se mostrar tão necessária para a linguagem é o que este trabalho de investigação deseja alcançar no final.

Destarte, a argumentação de Kant leva a considerar uma relação entre intenção, desejo e liberdade, sendo esta última o canal que faz com que o pensamento se realize no mundo. Em Searle vê-se uma ligação entre intenção, desejo e linguagem, sendo a linguagem a expressão da *Intencionalidade* no mundo. Dentro dessas teses distintas, duas coisas são relevantes para esta investigação; primeiro o fato da liberdade ser uma condição da *Intencionalidade* na realização de algo e; segundo o fato de que a linguagem é, de certa maneira, possibilitada pela *Intencionalidade*. Assim, pode-se, a partir disso, especular uma linguagem intencional que, por meio da liberdade, apoia a ação humana.

Portanto, visto que o problema da *Intencionalidade* faz parte não só da condição da mente humana, mas, também, da linguagem que é uma forma da expressão da realização e evolução da condição humana, ele se mostra um problema tipicamente filosófico. Trata-se de um problema que está intimamente ligado ao modo como se estrutura a linguagem e que, devido a isso, influencia diretamente as condições da ação humana no mundo. É em cima dessa constituição problemática, mas necessária, que este trabalho de pesquisa se inclina. Visto que neste capítulo a definição e os elementos norteadores acerca da *Intencionalidade* foram expostos, o próximo capítulo será dedicado a fazer o mesmo acerca da linguagem e da ação, tendo em vista que são conceitos conexos e necessários para o prosseguimento da investigação proposta.

LINGUAGEM E AÇÃO HUMANA

Este capítulo visa expor a perspectiva filosófica por trás do problema da *Linguagem* e da *Ação*. No início do capítulo anterior, falei que a investigação principal que sustenta este trabalho de pesquisa verte-se sobre a Filosofia da Linguagem e a Filosofia da Ação. Em vista disso, faz-se necessário abordar diretamente os objetos de inquirição destas áreas do saber filosófico, pois são eles, também, objetos diretos desta investigação filosófica. Para tanto, este capítulo será dividido em duas partes; a primeira apresentando o papel que a *Linguagem* desempenha na Filosofia e definindo a *Linguagem* na cosmovisão que se pretende defender nesta pesquisa. A segunda parte tratará de expor o sentido da *Ação* para o ramo filosófico que se preocupa em investigar essa realidade, além de justificar a sua importância concreta para o pensamento. Vale considerar que a Filosofia da Ação é um ramo consideravelmente novo, o que exige da exposição um trabalho conceitual mais cuidadoso e do leitor uma apreciação um pouco mais atenta. Diante dessas alegações preliminares, pode-se avançar mais concretamente no trabalho.

A *Linguagem* na Filosofia

A *Linguagem* em si sempre fez parte da Filosofia se considerada enquanto elemento de comunicação, disseminação e expressão do pensamento. Contudo, é apenas no século XX, com marco fundamental em Wittgenstein, que ela se torna um ramo específico da Filosofia, sendo chamada, então, de Filosofia da Linguagem. Essa

“datação” é interessante porque marca apenas a estruturação concreta do momento em que tal investigação ganha suas especificidades e um olhar mais direcionado. Evidentemente filósofos anteriores ao século XX trataram em seus discursos filosóficos elementos que atualmente seriam considerados de domínio da Filosofia da Linguagem.

Platão (428-348 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.) na antiguidade e alguns filósofos medievais como Abelardo (1079-1142), Tomás de Aquino (1225-1274), Duns Scotus (1266-1308) e Guilherme de Ockham (1288-1347), que trataram acerca da “Querela dos Universais”, já abordavam problemas próprios da *Linguagem* em suas teses. Na modernidade filósofos como Espinosa (1632-1677) e Leibniz (1646-1716) postulavam o problema da confusão que há no uso das palavras. Richard Rorty (1931-2007), filósofo contemporâneo estadunidense, por exemplo, dedicou algumas páginas da sua obra *A Filosofia e o Espelho da Natureza* (1994) para acusar a filosofia de Kant de ter sido a fonte para desenvolvimento de uma “filosofia impura da linguagem”, influenciando todo um trabalho contemporâneo nessa área (Cf. RORTY, 1994, p. 258). Isso só para justificar que tal trabalho não começou a ser realizado apenas a partir das contribuições do século XX, mas advinda de toda uma tradição.

Sem grande rigor, *Linguagem* pode ser definida como “o uso de signos intersubjetivos, que são os que possibilitam a comunicação” (ABBAGNANO, 2012, p. 708). *Linguagem* é, basicamente, a capacidade de adquirir e utilizar meios complexos – ou nem tanto – para se comunicar. Por mais que hoje seja sabido que há um tipo de comunicação entre as diversas espécies animais da natureza, apenas a espécie humana é capaz de produzir *Linguagem*. Isso porque o arranjo complexo do sistema linguístico exige uma faculdade mental que é propriamente humana, passando pela organização, estruturação, verbalização ou exteriorização e, sobretudo, entendimento mútuo, processados pela Razão. Só há verdadeira comunicação linguística quando há entendimento entre as partes. Esse entendimento passa pela capacidade de inquirição da razão, produzindo relações intersubjetivas. Assim, esse tipo de condição só é encontrado na relação humana.

A *Linguagem*, tratando-se de uma condição propriamente humana, faz com que os indivíduos se relacionem socialmente e humanamente. Ela faz com que o pensamento encontre o mundo, permite que a abstração encontre a realidade, permite,

ainda, que uma condição da razão se expresse fenomenicamente. É a atribuição da *Linguagem* que faz com que o Homem seja quem ele realmente é, *res cogitans* e *res extensa* numa unidade quase que perfeita. Como isso é possível e se há interrupções nesse percurso, ai é matéria de investigação; por isso tantos filósofos ilustres dedicaram anos de suas vidas para tentar responder essas questões. No entanto, o fato é que a *Linguagem* existe e proporciona condições sem precedentes na vida humana. Dentro dessas diversas condições existentes, uma é o fato de que a *Linguagem* direciona o indivíduo a agir, inserindo-o no mundo e fazendo com que ele mesmo se sinta inserido nele. A inserção no mundo impele o ser humano para a Ação devido a sua própria condição dinâmica de ser e existir.

A vista disso, a Filosofia da Linguagem se debruça sobre as relações que envolvem pensamento, mundo e *Linguagem*. Não se trata simplesmente de uma investigação que busca encontrar o sentido e significado das palavras, mas uma reflexão que tenta compreender os limites da *Linguagem*, as maneiras de se expressar o pensamento e, essencialmente, tentar descobrir se é o indivíduo que determina a *Linguagem* ou se é a *Linguagem* que determina o indivíduo. Fica evidente que o problema da Filosofia da Linguagem não se resume a questão da comunicação simplesmente, mas se é possível e a que ponto a *Linguagem* pode expressar algo do mundo e se sua compreensão corresponde a real intenção daquele que deseja se comunicar. É verdade que no primeiro momento a Filosofia da Linguagem pode se apresentar de forma muito complexa e, não poucas vezes, de investigação laboriosa; mas como dissera Miller (1965-) no prefácio da primeira edição do seu livro *Filosofia da Linguagem* (1997), "isso não é um equívoco, pois a filosofia da linguagem trata de alguns dos mais profundos e difíceis tópicos dentre as áreas da filosofia. Mas sob a diversidade e a complexidade, existe certa unidade". E nessa unidade existe beleza, encantamento e bastante utilidade.

Assim sendo, há de se ter consciência que os problemas investigativos acerca da *Linguagem* são variados e igualmente legítimos, cada um com suas perspectivas e objetivos. Se este trabalho fosse um tratado sobre a Filosofia da Linguagem, evidentemente, trataria de questões ligadas ao *significado e referência*, *atos de fala*, *teorias de uso da linguagem*, teria uma seção dedicada apenas para a relação entre

Linguagem e realidade, dentre outras questões fundamentais que um tratado desse tipo deve conter. Assim, também, como seriam trazidos para o enredo da argumentação nomes como Frege (1848-1925), Russell (1872-1970), Wittgenstein (1889-1951), Carnap (1891-1970), Putnam (1926-2016), Kripke (1940-), Chomsky (1928), etc. Contudo, não é o caso de que este trabalho venha a ser um tratado acerca da *Linguagem* na Filosofia, o objetivo é tão somente fazer-se entender da forma mais simples e conceitual possível o que viria a ser esta dinâmica filosófica tão bela e complexa. Com as devidas escusas a Santo Anselmo (1033-1109) por esta paráfrase audaciosa, mas o intuito desta seção, mais do que levantar questões, é fazer-se conhecer: conhecer para entender, e entender para estimar.

Dentro desse emaranhado de caminhos investigativos sobre a *Linguagem*, alguns contam com a contribuição efetiva da Lógica Formal e da Filosofia Analítica, utilizando-se de condições de análises mais detalhadas com rigor tão mais "matemático" quanto profundo e crítico. Geralmente essa relação se dá quando se considera que as questões semânticas antecedem as questões epistemológicas, como é o caso de Frege; *i.e.*, para Frege, antes de se perguntar acerca de como conhecemos as coisas é preciso entender como a *Linguagem*, que é utilizada para se referir aos objetos do conhecimento, funciona. Quem parte dessa vertente, tende a assumir que não é possível pensar se não for a partir da *Linguagem*, e como a Lógica é o apoio formal do pensamento humano, então, não se pode separar *Linguagem* e Lógica.

Existem alguns, como é o caso de Wittgenstein, que defendem que com as diversas formas de vida, inevitavelmente, há diversos modos de uso da *Linguagem*, o que o supracitado chamou de "jogos de linguagem". Isso significa dizer que cada contexto diferente determina as regras acerca do uso das palavras e, consequentemente, da própria *Linguagem*. Nesse caso, o uso prático – que na Filosofia chamamos de Pragmática – das palavras vem antes do que a própria condição semântica; isso implica em defender que o uso da *Linguagem*, em determinados contextos, sobrepõe até mesmo o significado das palavras, tendo em vista que o contexto prático é que tem a codificação e decodificação de uso. Por exemplo, no contexto do Português de Portugal, o termo "rapariga" é utilizado para se referir as moças – feminino de rapaz –, e isso é organicamente codificado e decodificado entre

eles. Contudo, o mesmo termo utilizado no Brasil, principalmente em algumas regiões mais ao nordeste do país, tem significado de insulto, referindo-se às prostitutas. Dessa maneira, essa perspectiva verte-se acerca da afirmação de que só é possível avaliar se o emprego das palavras é correto ou incorreto dentro de um contexto prático da *Linguagem* naquela "comunidade".

Há ainda os audaciosos – se é que possa lhe fazer essa gentileza – como Rorty, que faz uma distinção entre a Filosofia da Linguagem apoiada na lógica quantificacional que tem como objetivo único a ideia de significado e referência e a Filosofia da Linguagem investigativa que se apoia numa tipo de teoria do conhecimento. A primeira ele trata como sendo uma Filosofia da Linguagem pura e a segunda como sendo impura. Como tive a oportunidade de escrever em outra ocasião, Rorty faz isso tudo porque, para ele, um estudo legítimo da *Linguagem* deve se preocupar com a sistematização modal das noções de significado e referência a partir da lógica, não podendo haver uma *Linguagem* na qual o sentido epistemológico seja maior que sua própria representação. É claro que para defender tal coisa e negar a condição própria da *Linguagem* de se fazer conhecimento, Rorty abre mão de todo um processo histórico-conceitual; contudo, ainda assim, deve-se admitir que a argumentação feita pelo autor em cima disso é riquíssima e bem elaborada, ainda que estranha.

É evidente que, como não é o caso de uma investigação que proponha um tratado acerca da *Linguagem*, trazer tantas inquietações sobre o tema – ainda que instigue prazer – tornaria esta exposição demasiada extensa sem que haja necessidade para tal. Assim sendo, esses comentários anteriores serviram para exemplificar a gama da problemática filosófica sobre a *Linguagem*, mas, de modo especial, foram trazidas porque alguns elementos delas norteiam a perspectiva com relação a esse tema. Poder-se-à observar no capítulo final deste trabalho que a perspectiva defendida acerca da *Linguagem* é de que se trata de uma estrutura lógico-semântica rica em significado que não só gera comunicação, mas que também produz efeito significativo na ação humana. Toda a dimensão da *Linguagem* passa pela intenção do pensamento frutos da razão. Bem como, o fato de que essa deliberação da *Linguagem* na realização da Ação pode, não poucas vezes, estar condicionada aos usos próprios que se faz dela.

Portanto, a *Linguagem* desempenhou e desempenha papel fundamental na Filosofia, sendo objeto de inquirição durante toda sua história, mas que concretamente ganha espaço específico quando se torna um ramo concreto do saber filosófico. Isso, fundamentalmente, porque trata-se de uma condição propriamente humana, algo que perpassando todas as suas dimensões, está intimamente ligado a condição do ser humano de existir e viver em sociedade gerando comunicação e entendimento. Tratando-se de um elemento com matéria vastíssima, é de se entender o empenho incansável de muitos filósofos e pensadores para tentar mapear todas as condições que envolvem a dinâmica da *Linguagem*. Investigando as relações entre *Linguagem*, mundo e pensamento, a Filosofia da Linguagem impregna de rigor as questões que envolvem tanto o pensamento quanto a realidade, questões que fazem parte da constituição do indivíduo, mas que muitas vezes não são levadas em consideração. E os vários problemas – reais e legítimos – que tal investigação proporciona servem para mostrar que o trabalho feito pela Filosofia da Linguagem é árduo e sempre constante, mas que tem sua beleza e complexidade, e, por isso, merece sempre a devida atenção e cuidado.

A *Ação* na Filosofia

A Filosofia da Ação enquanto disciplina é ainda mais recente que a Filosofia da Linguagem, embora ambas façam parte do mesmo período filosófico chamado de 'contemporâneo'. Isso porque sua pesquisa mais acentuada acontece efetivamente no século XXI, mais especificamente, dentro dos últimos 10 anos. É evidente que isso não implica dizer que antes disso não havia uma preocupação com a *Ação*; pelo contrário, pois já em Aristóteles há como destacar conceitualmente uma investigação dessa natureza. O que ocorre, na verdade, é o mesmo desabrochar estrutural e sistêmico que acontece com a Filosofia da Linguagem. Em visto disso, não se tem necessidade de gastar tantas linhas explicando o processo de desencadeamento filosófico que faz com que uma linha de investigação venha a se tornar uma disciplina como tal, visto que já foi feito na seção anterior.

Dessa maneira, esta seção visa esclarecer o problema ao qual a Filosofia da *Ação* se dedica, bem como buscar conceituar a *Ação* na perspectiva filosófica. Isso é fundamental para entender o que o título deste trabalho sugere ao falar de uma "ação

humana", além de "desvendar" o motivo pelo qual esta exposição é precedida pelo esclarecimento acerca da Linguagem e da Intencionalidade. Deve-se ter bem claro que, assim como a proposta anterior, esta seção não vem para fazer uma investigação profunda e esmiuçada sobre a totalidade do problema acerca da *Ação* na Filosofia, mas tão somente com o intuito de deixar o leitor a par dos elementos constitutivos dessa linha de inquirição filosófica tão complexa e desafiadora quanto é a Filosofia da Linguagem.

Pois bem, poder-se-ia dizer sem muita exigência técnica, mas, também, sem estar longe da verdade, que *Ação* é algo que acontece. Assim, se é algo que acontece, então, é um acontecimento; um acontecimento no mundo. Sendo um acontecimento no mundo, trata-se de algo que necessita de um agente que faça esse algo acontecer. Ora, o leitor inquieto nesse momento com certeza pode estar indagando sobre os acontecimentos que não tem um agente efetivo, como é o caso dos "eventos naturais". Estes, se não acharem que uma ideia tão vaga não estaria assim dada sem um proposito e perseverarem na leitura, logo verão que essa indagação é fator predominante da denominação da *Ação* humana para a Filosofia, e é o que se busca esclarecer na medida em que se vai avançando nesta exposição.

Como já é possível intuir, a Filosofia da Ação se trata de uma disciplina que visa investigar os elementos que circundam a *Ação* humana, ou seja, ela visa analisar e compreender as condições que envolvem o agir humano. Essa obviedade pode até, erroneamente, fazer com que se enxergue essa disciplina com certa banalidade. Mas, com certeza, não é o caso, porque antes de se chegar a tais pretensões, é preciso, primeiro, investigar o que é uma *Ação*, o que a caracteriza como tal e até que ponto a *Ação* está ligada ao ser humano. Três elementos fundamentais fazem parte da estruturação da Filosofia da Ação: o pensamento, o sujeito e o mundo. O pensamento está ligado a razão e às condições internas no indivíduo; o sujeito está como elemento atuante, ou seja, o agente que fenomenaliza o acontecimento; e o mundo como sendo a condição que a experiência tem de se realizar e passar da subjetividade para a objetividade.

Vale destacar que por mais que a investigação da Filosofia da Ação trabalhe a partir da relação entre sujeito e mundo, a condição da moralidade – típico problema

filosófico –, não é elemento primário. A moralidade para a Filosofia da Ação pode ou não ter sua participação, mas tendo-a, será sempre um elemento secundário, como consequência de uma continuidade da inquirição desenvolvida. Investigar a *Ação* humana está mais para uma análise das condições que permitem algo acontecer e as dimensões desse acontecimento, do que propriamente a moralidade daquele ato realizado. Por exemplo, em um evento de homicídio por disparo de arma de fogo, a Filosofia da Ação faria uma análise das condições mentais e fenomênicas que produziram o efeito de (i) o indivíduo desejar tirar a vida do outro; (ii) o indivíduo comprimir o gatilho da arma de fogo; (iii) o disparo ter intenção e direção para tal que visa tirar a visa do outro; (iv) o evento realizado da morte do outro. Sendo o mesmo evento analisado pela Filosofia Moral, toda a dinâmica investigativa estaria voltada não para os elementos constitutivos do ato, mas no efeito de um evento que rompe com um "imperativo" ético e moral constituído para a garantia da harmonia e vivência social entre os indivíduos. Essa distinção é importante para que o leitor saiba se inserir e participar da dinâmica deste "jogo" aqui desenvolvido.

Pode-se notar que nessa área, a condição do indivíduo – enquanto agente – no mundo é fundamental para se prosseguir. Em cima disso, vários problemas exigem solução, ou ao menos, uma explicação verossímil e conceitualmente aceita. O primeiro problema é a causalidade da *Ação* e a maneira como se pode referir a esse acontecimento. Claramente nessa questão está a capacidade do indivíduo de poder fazer algo acontecer no mundo. A partir disso alguns podem defender que há uma causa natural que determina os acontecimentos no mundo; ou ainda os que defendam que a liberdade – ou livre-arbítrio – é que rege o curso das causas no mundo. E ainda aqueles, como Kant, que assumem que há uma causa natural que determina alguns elementos no mundo, mas que, em contrapartida, existe uma condição de espontaneidade – liberdade – que agindo na natureza permite que o indivíduo seja a causa eficiente e livre dos acontecimentos. Seja qual for o posicionamento defendido, sempre estará por trás dele o problema daquilo que vem a ser a causa das coisas e sua correlação com o agente.

Outro problema que perpassa essa temática é o fato de se se tem consciência efetiva das ações realizadas e a voluntariedade ou não da exteriorização produzida pelo corpo. Por exemplo, se sabe sempre que se age? É-se protagonista, ou agente efetivo,